

adjectivo e adverbio, ordinariamente regido das prepos. *de, com, por*:

Depender de preparo, tractar de negocio, queixar-se da sorte, descontente com o mundo, condemnado pelo juiz, desejoso de viver, suspeitas de desgraça. — Não te fies em villão, nem bebas aguas de charqueirão — Se queres bem casar, casa com teu igual — A estatua pintada de varias cores cheira ao pinho, e o religioso, inda que ornado de virtudes, não deixa de cheirar a homem (Arraiz, Dial., 100).

Nota. Em latim taes complementos eram variamente expressos, em *ablativo, genitivo* ou *accusativo* :

Multi deorum beneficio perverse utuntur — Dolor lenitur tempore — Solus homo rationis est particeps — Memento maiorum fortium — Olere piscem = cheirar a peixe — Sapere vinum = saber a vinho.

Complemento accidental

432. *Complemento accidental* é o que apparece accidentalmente na proposição para mais esclarecer o sentido, sem que seja, em absoluto, reclamado pela significação do termo completado.

São taes complementos igualmente de duas categorias: *attributivo* e *circumstancial*.

I. COMPLEMENTO ATTRIBUTIVO.

433. *Complemento attributivo* é o que modifica o substantivo ou pronome, exercendo a função de um adjectivo *explicativo* ou *restrictivo*. Dahi duas especies: — o *explicativo* e o *restrictivo*:

434. 1.^a *Attributivo explicativo* é o complemento accidental, que apenas explana um elemento *inherente* ao termo completado, e é ordinariamente constituido por um *adjectivo, substantivo apposto, e substantivo regido de preposição*, v. gr.: *branda VIRACÃO, BRANCA neve, Alexandre Magno, FILHO de Phelippe, REI da Macedonia, este relógio DE OURO.*

435. 2.^a *Attributivo restrictivo* é o complemento accidental que restringe ou determina o termo completado, enunciando um elemento, que lhe é *eventual*, e é constituido pelos mesmos termos que o antecedente. *QUENTE viração; OS homens, GLORIA da humanidade, são raros; relógio DE OURO,*

II. COMPLEMENTO CIRCUMSTANCIAL.

436. *Complemento circumstancial ou adverbial é o complemento accidental que, exercendo a função de um adverbio, modifica o nome (subst. e adj.), o verbo e o proprio adverbio, para indicar alguma circumstancia de tempo, lugar, instrumento, meio, modo, causa, companhia, etc., que em latim ia em regra para ablativo:*

De tempo : *Quando não chove em fevereiro, não ha bom prado, nem bom centeio — Canta Martha depois de farta — Homem nescio dá ás vezes bom conselho — Nem carvão, nem lenha compres quando gea -- Longo tempo memoraram — viverá dez annos.*

De lugar : *O mel, que de tua boca sae, em teu seio cae — Na bocca do discreto, o publico é secreto — Da mão á bocca se perde a sopa — Na almoeda, tem á bolsa queda — Em mesa redonda não ha cabeceira.*

De instrumento : *Bem cego é quem vê por aro de peneira — Com o vento alimpão o trigo, e os vicios com castigos — Bento é o varão que pro si se castiga, e por outrem não.*

De modo : *Na casa cheia, asinha se faz a ceia — Quem a mão alheia espera, mal janta e peor ceia — Aprende chorando, rirás ganhando — Vende publico, e compra secreto. — Vi correr pela tona da agua, de quando em quando, a saltos, um cardume de peixinhos (A. V., Obs. S. 1. 41).*

De causa : *Por cobiça de florim, não te cases com mulher ruim — Morrer por ter, soffrer por valer.*

De companhia : *Cada qual com seu equal — Cresce o ouro bem batido, como a mulher com bom marido — Amigo de bom tempo muda-se com o vento.*

De preço : *Melciades foi multado em dinheiro e a sua causa foi avaliada em cincoenta talentos (Melliades pecunia multatus est eaque lis quinquaginta talentis stimata est).*

De materia : *De bons propositos está o Inferno cheio, e o Céu de boas obras — De ruges-ruges se fazem os cascaveis (Prov.).*

De distancia : *Cada um extenda a perna até onde tem coberta — O campo marathonio distava da cidade cerca de dez mil passos (Campus Marathonus aberat ab oppido circiter millia passum decem).*

De opposição : *Ir contra a lei (contra legem facere), discurso contra Catilina (oratio in Catilinam).*

De affirmação : *Em verdade te digo (amen dico vobis).*

De negação : *Cavallo dado, não olhes os dentes — A carne para nada aproveita (caro non prodest quidquam.).*

De duvida : *Talvez vá, com toda a probabilidade irei.*

De limitação : Ninguem te eguala em eloquencia (*nemo tibi par est eloquentia*) — Na apparencia é livre, na realidade escravo (*specie urbs libera est*), re vera omnia ad nutum Romanorum fiunt) — Elle é francez de nascimento (*homo natione Gallus*)—Avô pelo lado materno (*avus materno genere*).

CAPITULO VIII

PROCESSOS FUNDAMENTAES DA SYNTAXE

437. Tendo estudado os termos logicos da oração e suas relações na proposição simples, cumpre-nos agora, em breve estudo historico-comparativo, passar em revista os processos fundamentaes da syntaxe em relação a elles.

Consistem esses processos nos diversos aspectos fundamentaes por que se combinam as palavras para conseguirem o seu intuito, que é a expressão intelligivel do pensamento. São elles trez: ORDEM, RÉGENCIA e CONCORDANCIA.

CAPITULO IX

I. ORDEM

438. ORDEM, tambem chamada *collocação* ou *construção* dos termos da proposição, é a disposição desses termos, reclamada pelo genio da lingua, de modo que possamos communicar intelligivelmente o nosso pensamento.

Pouco o nenhum valor syntactico tinha a ordem em latim; o mesmo, porém, não acontece em portuguez e nas linguas romanicas. Havia, na phrase latina, ampla liberdade na ordem ou collocação dos termos. Indifferente era para a função syntactica dos termos a sua posição, pois a desinencia casual lhe determinava a relação, e clareava o papel, que representavam na enunciação do pensamento. A ordem, pois, em latim, não influa em geral, na syntaxe da phrase; o seu valor era apenas esthetico ou estylistico.

O mesmo, como dissemos, não se dá com as linguas ro-

manicas, onde a intelligencia da phrase exige uma ordem determinada. A perda das desinencias casuaes forçou-as a recorrer, como já vimos, á posição dos termos para indicar as funcções de *sujeito* e *objecto*.

No latim o sentido será sempre claro e o mesmo, qual-quer que seja a posição dos termos da proposição: o *nomi-nativo* revela o sujeito da acção verbal, e o *accusativo* o paciente ou objecto, como se pôde ver nas seguintes construcções:

Brutus occidit Caesarem
Occidit Brutus Caesarem
Caesarem occidit Brutus
Occidit Caesarem Brutus
Brutus Caesarem occidit
Caesarem Brutus occidit

439. Esta ampla liberdade na disposição dos termos não a possui o portuguez certamente, por lhe faltarem os casos que em latim designam as funcções logicas dos termos, e por ser elle, por isso, forçado a fixar o sujeito e o objecto respectivamente *antes e depois* do predicado, dando dest'arte valor syntactico á posição dos termos. Porém, um phenomeno, que se desenvolveu na baixa latinidade, na península Iberica, veio dar ao portuguez e ao hespanhol, mormente na poesia, a mesma liberdade que havia em latim, quanto á posição do sujeito e objecto.

Consiste este phenomeno já estudado em preceder o objecto da prepos. *a*. Tal expediente habilita o portuguez a deslocar o sujeito, sem ambiguidade, visto como o accusativo ou o paciente da acção verbal, que no latim se denunciava pela desinencia, em portuguez pôde denunciar-se pela preposição, p. ex.:

Bruto matou a Cesar
Matou Bruto a Cesar
A Cesar matou Bruto
Matou a Cesar Bruto
Bruto a Cesar matou
A Cesar Bruto matou

440. Graças a este recurso da lingua, não ficamos adstrictos, como ficou o francez, á unica construcção admissovel — *Bruto matou Cesar* (*Brutus tua César*).

441. Não obstante referir-se de ordinario tal recurso

ao *accusativo de pessoas* ou de seres vivos, todavia pôde elle generalizar-se aos nomes de cousas, desde que haja uma exigencia positiva de clareza (*ao papel estraga a penna* ou *á penna estraga o papel*), e quando a significação do predicado mais frequentemente exija pessoa como *objecto* (*a noite segue ao dia, o verbo rege ao substantivo*). Porém este ponto já ficou amplamente estudado, quando tractamos do *objecto-directo*.

442. Embora não influisse para a clareza da expressão a posição dos termos o character synthetico da lingua latina dava preferencia á inversão dos mesmos. Quanto aos membros da proposição, observá *Chassang*, que o sujeito vinha no principio e o verbo no fim, e entre elles os complementos. Estes, em regra, precedem ao termo completado, como em geral os determinantes aos determinados. Exemplifica isto o seguinte trecho de Tito Livio:

Jam mitigati animi raptis erant; ac raptarum tum maxime parentes, sordida veste, lacrimisque et querilis civitates concitabant.

Metaphrasticamente se traduz:

Já apaziguados os animos ás raptadas estavam; mas das raptadas principalmente os paes, com sordida vestimenta, e com lagrimas e queixas as cidades concitavam.

Tal construcção só na poesia é possível em portuguez moderno; porém o portuguez archaico approxima-se della mesmo na prosa, como se vê do seguinte extracto:

Aquel que casa fezer ou vinha ou sa erdade onrar per l ano en ella sever se depois en outra terra morar quiser, serva a el toda sa erdade u quer morar (Chrest. Arhc. 24 — sec. XII, 1199) — ... poer em caronyca as estorias dos reis que antygamente em Portugal foram (F. Lopes, sec. xv) — A maneira em que se as mensagens dão (G. de Rezende. Chr. de D. João, sec. xv) — . quando se della houve de despedir (F. Lopes).

442. VALOR GRAMMATICAL DETERMINADO PELA POSIÇÃO. Outros casos ha, fóra do *agente* e *paciente*, em que a posição determina o valor *grammatical* e *semantic* dos termos em portuguez, como se pôde ver na lista que se segue:

Moço guerreiro	guerreiro moço
Rico avarento	avarento rico
Soldado philosopho	philosopho soldado
Hora certa	certa hora

Flores diversas
Livros diferentes
Fructos varios

diversas flores
diferentes livros
varios fructos

444. Mostram os exemplos acima que, quando dois substantivos juxtapostos formam um grupo logico de expressão, o ultimo assume a função de um adjectivo qualificativo, o que ainda se vê nos seguintes exemplos:

Menino prodigio, chapéo monstro, arvore gigante, ruço-pombo, povo-rã, povo-rato (F. Elys.).

445. Quando o grupo é formado de um *subs.* + *adjectivo qualificativo*, a posposição do adjectivo, que é a ordem *analytica*, conserva-lhe o sentido proprio, e a anteposição dá-lhe sentido *translato*, p. ex.: *homem bom* e *bom homem*. Se o adjectivo é *determinativo*, o contrario é o que succede, por ser a anteposição a sua posição normal. Assim, *algum homem* e *homem algum*; *homem algum* equivale a *h. nenbum*; em *homem tal*, o *determinativo tal* passa para a categoria do *qualificativo*; o mesmo succede com *motivo outro*, *muito outro*, *homem qualquer*. A anteposição de *certo* dá-lhe o valor de *quidam*; *um só homem* (*unus*) e *um homem só* (*singulus*); *uma andorinha só não faz verão*.

Desta valorização *grammatical* da posição dos termos nas linguas romanicas, nascem grandes recursos para a enunciação do pensamento, como, p. ex., se pode notar na seguinte sentença:

- 1.º Só Colombo descobriu a America
- 2.º Colombo, só, descobriu a America
- 3.º Colombo só descobriu a America
- 4.º Colombo descobriu só, a America
- 5.º Colombo descobriu só a America.

A anteposição ou posposição de *só* ao *sujeito* fá-lo mudar de categoria *grammatical*, e variar o sentido: e a sua posposição ao *predicado* dá mais energia á expressão.

446. Cumpre observar que esta larga valorização *grammatical* da ordem das palavras na phrase portugueza foi o resultado de uma evolução paulatina, de um movimento *analytico*, que só modernamente se tem fixado.

Ao v. port. e mesmo ao *quinhentismo*, a evolução *analytica* da lingua não havia ainda fornecido os valiosos re-

curtos de que ora dispomos para a expressão dos variados matizes do pensamento. Em Camões *algum* e *certo* não haviam ainda adquirido accepção differente, quando *postos*:

Desta gente refresco algum (=algum refresco) tomamos, e de rio fresca água (Lus. 5. 79) — Com estas novas torna á patria cara certos signaes levando (signaes certos) do que achara (Lus. 7. 13).

Esta Ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala (Lus. 1. 54).

447. POSIÇÃO DO ATTRIBUTO. A posição de *attributo*, isto é, do adj. *qualificativo* e *determinativo* em relação a seu substantivo, como observa Diez, é em geral determinada pelo accento oratorio e rythmo da expressão, bem que haja no *romance* tendencia para collocá-lo depois do substantivo. No grupo nominal de *subs. + adj.*, o accento principal recae sobre o segundo termo — *homem bóm, bom hómem, bello cámpo, campo bello*. Por isso, quando o attributo exprime qualidade inherente ou pouco característica a tendencia é collocar o adjectivo em primeiro lugar, v. gr.: *branca neve, crua linguagem* (cf. *linguagem crua*).

448. REGRAS PARA A COLLOCAÇÃO DO ADJECTIVO, ADVERBIO, PREPOSIÇÃO E PRONOME.

I. POSIÇÃO DO ADJECTIVO.

1.^a Precede ao subst. o adj. *explicativo*, isto é, que exprime qualidade inherente ou pouco característica:

Negro corvo, branca neve, doce mel, fresca rosa, timidas ovelhinhas, manscs cordeiros.

Em proverbios e contrastes não se observa este principio:

Água molle em pedra dura tanto dá, até que fura.

2.^a Precede ainda ao subst., quando este é nome proprio, pela mesma razão da regra antecedente:

O grande Camões, o velho Portugal, o sabio Pasteur, a bella Paris, celebrè Cleopatra.

Postpõe-se, comtudo, quando, querendo salientar o *attributo*, o collocamos como *epitheto*, ordinariamente precedido do artigo:

Alexandre, o Grande ; Philippe, o Bello ; Carlos Magno.

3.^a Pospõe-se o adj. quando exprime *qualidades materiaes*, como *fórma, cor, sabor*:

Mesa redonda, céu azul, gravata vermelha, vestido branco, vinho moscatel, café amargo, agua quente.

4.^a Pospõe-se o adj. que exprime *relações externas* ou *estados corporaes*:

Opinião commum, genero humano, defeitos naturaes, codigo civil, guerras religiosas, lingua vulgar, homem doente, menino gordo. — Adj. oriundos de *nomes proprios*: leis manoeinas, bibliotheca camoneana, navio hespanhol, patria brasileira, egreja lutherana, ordem benedictina.

5.^a Pospõe-se o adj., quando *ampliado*:

Menino desejoso de apprender, pessoa inclinada a bem viver, homem consagrado a sua patria.

Obs. Na poesia e no estylo elevado póde-se deixar de observar estas regras: *Viva a gente que sulca a azul campina* (Fab. 60) — *Soltaste pela azul immensidade* (A. C., Os Fast. 3. 7) — *A consul novo vai o curul marfim ser nobre assento* (Ib. 1. 11).

6.^a Dois adj. referentes a um subst. admittem a intercalação do subst., quando um delles fórma com o subst. um grupo nominal, sobre que recae ou póde recahir a modificação do outro, p. ex.:

Illustre escriptor portuguez (=illustre+escriptor portuguez), formoso cavallo tordilho (=formoso+cavallo tordilho), valentes soldados brasileiros, bella musica italiana, sabias leis manuelinas.

A este grupo, póde-se ainda antepor qualquer adj. determinativo:

A bella lingua latina, este difficil problema arithmetico.

A intercalação nessas phrases é de rigor, e só deixa de ser quando a modificação do outro adj. póde deixar de recahir sobre o grupo:

A larga senda dolorosa ou a senda larga e dolorosa, a bella canção popular, ou a canção bella e popular.

7.^a Os *numeraes cardiaes* precedem ao subst., excepto quando tem *valor ordinal*:

Vinte e duas paginas, e pagina vinte e dois, quarenta numeros numero quarenta

No estylo elevado pôde-se ainda pospor — *venturas mil. Ambos pôde-se antepor ou pospor — ambas as petições ou as petições ambas:*

Mui conformes são estas petições ambas ao logar e ao tempo (A. V., Ohrs. S. I, 9).

8.^a Os *ordinaes* pospõem-se ao subst., excepto quando se quer salientar a ordem expressa pelo numeral. Exs.:

Pedro I (primeiro), Leão X (decimo), capitulo primeiro, livro segundo (cf. o primeiro e segundo Affonsos, primeiro capitulo, o segundo livro), Chronica do Principe Dom Ioam Rei que foi destes Regnos segundo do nome (Damião de Goes) — El Rei Dom Ioam primeiro do nome (Id.) — Nascimento do muito alto e excellente Principe Dom João, o terceiro em Portugal deste nome (Gil Vicente).

9.^a Os outros adj. *determinativos* antepõem-se, em regra ao subst.:

Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso, muita parra e pouca uva, tantas cabeças quantas sentenças.

Muitos delles permitem a posposição, determinando esta inversão da ordem usual a emphase, e, até, mudança de sentido:

Este menino e menino este, aquelle negocio e negocio aquelle, meu filho e filho meu, algum perigo e perigo algum, o homem todo e todo o homem, outro assumpto e assumpto outro, a propria casa e a casa propria.

10.^a Na concorrência de um *determinativo* e de um *qualificativo*, aquelle precede a este: *este bello livro, meu grande cavallo.*

Esta ordem era frequentemente transgredida no v. port., e mesmo entre os nossos classicos. Exs.:

E pera maior seu contentamento chegaram outros dous navios (Dec. I. 462) — Veio a elle hum cossario, que depois foi grande nosso amigo (Ib. 363) — O padre frei Isidoro da Luz que é grande meu amigo (A. V., C. 107) ...liberdade a todos os christãos e grandes outras esperanças de florescer aquella egreja (Ib. 213).

II. POSIÇÃO DO ADVERBIO. O logar do *adv.* não é fixo, excepto o negativo *não*, que se antepõe á palavra modificada: *não fazer, não bom, não bem, não-existencia.* — Todavia, concorrendo com um pronome obliquo, pôde este in-

terpor-se entre elle e o verbo: — *elle não me fez* ou *me não fez*. A primeira construcção é a mais corrente no Brasil.

Ver-se-hão ermas, e solitarias e que as não pisa a devação dos fieis (A. V., S. I. 22).

III. POSIÇÃO DA PREPOSIÇÃO. Entre as *preposições* e seus consequentes interpõem-se, ás vezes, outros termos.

Exs.:

Isto é para elle guardar, é tempo de a nação se erguer (de erguer a nação) Depois de os filhos de Israel passarem ás terras ultramarinas do Jordão, avançou parte do exercito... (A. V., S. I. 16) — Em vez de os ladrões levarem os reis ao inferno, os reis levarão os ladrões ao paraíso (Ib. 91).

IV. POSIÇÃO DO PRONOME. No portuguez archaico e no classico era commum a anteposição dos pronomes obliquos átonos ao sujeito e a outros complementos do verbo. Exs.:

Tanto que lh'eu este cantar oi
Logo lh'eu foy na cima da razon
Por que foy feit'e ben sey por que non
(O. Nibiling, D. J. Guilhade, 51—Cec. XIII)

Antes lh'o eu disse (F. Lopes, Chr. de D. Fern., sec. xv) — ...quando se della houve de despedir (Ib.) — A maneira em que se as mensagens dão (G. de Rezende, Chr. de D. João, sec. xv). — Querendo satisfazer aos serviços, e ajudas, que lhe o Conde D. Henrique nesta guerra dos Mouros tinha feito, e dado, não achou cousa mais digna de sua pessoa, nem de maior galardão, que aceitallo por filho (J. de Barros, Dec. I, liv. I, 81) — Boca, que erra, nunca lhe pão falleça (Prov.) — E tendo eu na memoria como Vasco da Gama, que está presente em todas cousas, que lhe de meu serviço foram entregues, deo boa conta de si (J. de Barros, Dec. I. 273).

— Ah si Catilina? Ora bem
Se xe m'eu isso soubera
Nunca t'eu a roca dera
Que trougue de Santarem (G. Vicente, Obs. I, 134)

Taes construcções são extranhas ao fallar no Brasil e aos nossos escriptores, e, mesmo em Portugal, segundo o testemunho do dr. Leite de Vasconcellos, se vão archaizando. Todavia, no dialecto popular lusitano é frequente a seguinte construcção: *Lá se elle vae*. No Brasil se diz: *Lá se vae elle*. Em A. Castilho e Camillo é ella commum:

Como lhes elles chamavam (A. C., Os F. 171) — Se nos não enganamos (Ib. F. 101) — Conjurro-te que a não tenhas (C. C. B., O. Jud

2.132) — Nem queiras que a sociedade as dê, se tu as não deres (Ib. 79) — Alguns termos populares do judeu (Antonio José da Silva), se os eu trasladasse, fariam que o livro cahisse da mão enluvada e melindrosa que o alriu (Ib. 66).

Topologia Pronominal

449. A TOPOLOGIA (gr. *topos* = *logar*, *logos* + *ia* = *tractado*) pronominal estuda o logar que o pronome pessoal deve occupar na proposição, e como o pronome tem, na phrase, a funcção de sujeito ou complemento do verbo, o seu logar deve, em geral, ser respectivamente antes ou depois do verbo.

Os pronomes pessoaes, casos rectos, e os obliquos tónicos (*mim*, *ti*, *si* *migo*, *tigo*, *sigo*) guardam no seio da proposição a autonomia de um substantivo, e resistem facilmente á attracção do predicado, podendo delle ser separado por outros termos, por ex.: *Eu, se quizesse, poderia sahir* — *A mim, enquanto é tempo, reunam-se os bons elementos*. Quanto ás fórmãs átonas (*me*, *te*, *se*, *nos* *vos*), não succede o mesmo; são ellas, em geral, attrahidas para juncto do predicado ao qual se incorporam na pronuncia, como *procliticas* ou *encliticas* (*elle me contou*, *disse-me elle*), e a sua acertada collocação tem sido objecto de longos debates. O v. port. a este respeito tinha mais liberdade; porém a lingua evolueu, e convem fazer do assumpto breve estudo.

450. HISTORICO DA DISCUSSÃO SOBRE A TOPOLOGIA PRONOMINAL. A collocação do pronome obliquo, em suas fórmãs átonas, na ordem dos termos da proposição, tem sido objecto de larga controversia desde 1842 (22 de agosto), época em que sobre tal assumpto escreveu o Snr. Gama e Castro, no *Jornal do Commercio*, segundo nos informa o illustre escriptor José Verissimo. Em 1871, José Feliciano de Castilho, irmão de A. de Castilho, em suas *Questões do dia*, e, em 1847, Teixeira de Mello, na *Lux!* de Campos, occuparam-se da mesma questão. Em 1880, renovou-a Arthur Barreiros na *Revista Brasileira* (C. V., p. 71). A proposito da redacção do *Projecto do Codigo Civil*, travou-se, sobre o mesmo assumpto, fecunda polemica entre dois vultos prominentes de nossas letras — o Dr. Ruy Barbosa e o Dr.

Ernesto Carneiro Ribeiro (1904 — 1905). Finalmente, o Sr. Candido de Figueiredo, tendo-se já occupado da materia em suas *Lições Praticas*, publicou, em Lisboa, 1909, um livro intitulado *O Problema da collocação dos pronomes*. Em 1907 e 1908, publicou o illustrado professor paranaense Paulino de Brito dois bem elaborados opusculos com o titulo de *Collocação dos pronomes e Brasileirismo de collocação de pronomes*, em que se oppõe ás theorias do Sr. Candido de Figueiredo. Responde-lhe o escriptor portuguez, nesse seu trabalho acima citado, com larga copia de exemplos colhidos pacientemente de abalisados escriptores modernos, portuguezes e brasileiros. — Deu interesse ao debate a visivel differença que entre escriptores portuguezes e brasileiros havia sobre o ponto. Tractando-se mais de uma questão de ouvido do que de syntaxe, deixavam-se os escriptores respectivamente levar pelas influencias orthoepicas do seu meio glottico. A discussão, porém, provocou o estudo dos classicos, e uma reacção se operou largamente em nosso meio grammatical e literario, no sentido de nos approximar, quanto á topologia pronominal, dos modelos classicos portuguezes. (Gr. Exposit., § 482 — 487).

451. FUNDAMENTO HISTORICO DA TOPOLOGIA PRONOMINAL. No latim medieval encontramos o fundamento historico de certas regras, que sobre esta materia trazem algumas grammaticas modernas.

A questão realmente é uma questão de ouvido ou de rythmo da linguagem, que, em ultima analyse, póde dar logar a regras de syntaxe, determinadas pelos habitos musicas da lingua. E sendo a orthoepia brasileira francamente divergente da lusitana, explica-se naturalmente a profunda divergencia, no modo de se collocarem na phrase os pronomes obliquos, entre escriptores brasileiros e portuguezes. Travada viva discussão, era ainda natural que os escriptores brasileiros, abrindo mão, nesta parte, da interpretação, que davam ao genio musical da lingua, herança de nossos avós, buscassem afinar os seus ouvidos ao diapason dos classicos portuguezes. E' o que se tem dado, a despeito dos protestos de alguns patriotas, aliaz bem intencionados. Comtudo, não convém levar a reacção longe demais,

e reduzir as nobres leis da harmonia da linguagem a apertadas regras de uma syntaxe imaginaria.

A enclise, isto é, a posposição de pronome átono ao predicado devera ser a regra reclamada pelo character analytic das linguas neo-latinas. Porém exigencias, que sobrevieram, de euphonia determinaram, em certos casos, uma construcção synthetica, pela anteposição ou próclise da fórma complementar do pronome.

Realiza-se essa infracção da ordem analytica, e tende a fixar-se a ordem synthetica na collocação do pronome átono, quando, em virtude de sua atonicidade, se incorpora o pronome na pronuncia de certas particulas, como adverbios, conjuncção, etc., que precedem normalmente ao predicado (*não-me fallou, quando-o viu, se-te portas bem, ninguém-lhe disse*, etc.). Esta incorporação euphonica é o que se chama attracção da particula. Por outro lado, a mesma atonicidade do pronome difficulta, na orthoepia lusitana, pela rapidez ou brevidade da pronuncia das syllabas átonas, iniciar-se phrases com os referidos pronomes (*me parece = m'parece, me contam = m'contam*). Tal difficultade não existe na orthoepia brasileira, onde a pronuncia vagarosa e demorada dá ao pronome átono um certo valor tónico, que encontramos nos textos archaicos do portuguez (*me parece = mi parece, me contam = mi contam, ca mi mostrou quen o' eu vi, ãa ren ti direy* (D. Juan de Guibade, sec. XIII). Essa difficultade lusitana requer a enclise obrigatoria, quando a phrase se inicia pelo predicado.

Ora, vamos encontrar a razão de ser dessa dupla exigencia de *proclise* e *enclise* do pronome átono, na pronuncia medieval do latim. Logo nos primeiros tempos da baixa latimidade, como nos ensina o eminente romanista E. Bourciez, estabeleceu-se distincção entre as fórmas pronominaes accentuadas e as átonas. Não podiam estas, "em virtude do rythmo da lingua, que era descendente", começar a phrase, e se uniam por enclise á palavra precedente. Eram, pois, forçados a dizer em latim: *Tot-me impediunt curae* (Ter. Andr. 260), *sustuli-me de negociatione* (Petr. 76); ou, ainda, intercalando-se varios nomes entre o pronome complemento e o verbo: *Ad hanc-me fortunam frugalitas mea perduxit* (Petr. 75, *Eléments de Linguistique Romane*, p. 116).

Havia no latim classico, segundo o mesmo insigne romanista, um accento secundario de intensidade, que recalia uniformemente na primeira syllaba da palavra inicial da phrase, e um accento de altura, nota mais aguda, que incidia na antepenultima, se a penultima era breve, e sobre a propria penultima se longa.

Este accento secundario da orthoepia latina determinou o rythmo descendente da lingua, que impediu estarem os pronomes átonos soltos no inicio ou no corpo da phrase, e os constringia a tornarem-se encliticos, incorporando-se na prolação do vocabulo antecedente.

Temos neste rythmo da lingua a explanação historica da *attracção* que certas palavras, que se antepõem ao predicado, exercem sobre o pronome obliquo átono, tornando-o *proclitico*, bem assim como da *enclise* do pronome, quando a phrase se inicia pelo predicado.

O rythmo tradicional affirma-se no portuguez archaico e no classico, bem como nos escriptores modernos de Portugal, e, hodiernamente, em geral, nos do Brasil.

452. REGRAS DA TOPOLOGIA PRONOMINAL. Devido a esse principio de euphonia phraseologica, que acabamos de expor, a topologia pronominal ou a collocação do pronome obliquo átono em relação ao verbo, de que é sempre complemento, sujeita-se, em geral, ás seguintes regras, que ordinariamente determinam a *enclise* (posposição do pronome ao verbo), ou a *próclise* (anteposição), ou, ainda a *mesóclise* (intercalação). De sorte que, segundo essas regras, que vamos succintamente expender, taes pronomes são sempre em relação ao seu verbo — *encliticos*, *procliticos*, *mesocliticos*.

I. ENCLISE.

453. São *encliticos*:

1.^a Quando o predicado *inicia* o periodo, pois não se deve iniciar periodo com o pronome átono: *Parece-me que vae chover*, e não *Me parece que vae chover* — *Dizem-me*, e não — *Me dizem*.

No hespanhol, bem como no fallar do povo no Brasil, não se observa esta regra, por lh'o permittir a respectiva or-

thoepia. Comtudo, transgressões della apparecem, embora eventualmente, em escriptores portuguezes:

Me avisaram em muito secreto, que Hespanha tem resolutu romper a guerra com França, primeiro que ella o faça (A. V., Ohrs. Cart. 3. 170) — Me mellem se entendo o doutor (A. H., Monast.) — Me mellem se eu percebo o tal conluio (A. C., Ohrs. Comp. XXXIV 42) — Te vejo, te procuro, teus mudos passos sigo (G. D., Poes. 1. 148).

2.º Quando o pronome se refere a um *gerundio* não regido da prepos. *em*:

O polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros (A. V.). Porém — o polvo, em se escurecendo a si, tira, etc. — Pois, Senhor, em lhe passando o furor, dir-lhe-hei o que me trazia (A. C., O Doent. 142).

3.º Quando o verbo está no *imperativo*:

“Vae, lava-te no tanque de Siloé (A. P.)”. — Notam-se nos classicos constantes violações a esta regra: “Tu, Calliope, me ensina” (C.) — “Em castigar os feitos inhumanos vos gloriae de peito forte e astuto (Lus. 7. 13)” — “Quem he, me dize, est’outro que me espanta (Lus. 8. 10)” — “Musas, vós me inspirae, que é vossa a fonte de Hippocrania Aganippe (A. C., Os Fast. 3.5)”.

4.º Quando o verbo está no *infinito* regido da prepos. *a*:

Attentos só a alcança-los (A. H. Eur. 220) — O meu tinha sido a Primavera, e continuava a sel-o (A. C.) — Acostumados a soffrel-a (M. B.) — Cf. — ...para que não continue a o ser (A. V.) — ... muitas vezes chegam a os açoitar (M. B.) — Cessando a possibilidade do *hiato*, cessa esta regra: “...dando logar a te fazerem discursos” (Souza).

II. PROCLISE.

454. São *procliticos*:

1.º Quando a proposição é *negativa*, pois o pronome incorpora-se prosodicamente á negativa, que precede sempre ao verbo:

Não-me contou, nem-me faltou, nenhum-te offendeu, ninguem-se mexeu, nunca-vos vi — Não me confiei de vós (M. B.) — Nenhuma cousa se exclue (A. V.).

Não te esqueção meus duros pezares,
Não te esqueças por ellas de mim,
Não te esqueças de mim pelos mares,
Não me esqueças na terra por fim.

(G. D., Poes., Poes. 1. 115).

2.º Quando outros *adverbios* se antepõem ao verbo, nota-se tendencia para a proclise:

Já lhe fallo, hoje se dorme, aqui se canta — bem o tem visto (A. F.), bem te parece (Id.) — Agora me dizem... (A. V.) — Já se sabe (Id.) — Assim me sentia eu levado (A. C.) — Tarde vos comecei amar (M. B.) — São frequentes as transgressões: Antigamente convertia-se o mundo, porque hoje prégam-se palavras (A. V.) — Hoje usa-se outra coisa (A. H.) — Aqui vê-se a luz do céu, e tudo isto vê-se para se ter mais fome (Id.) — Agora estava-as fixando... (A. C.) — Mas ali resasse em voz sumida pela Patria (A. C., Q. Hist. 1. 87) — Depois anoiteceu-se ainda mais o siso (A. C.) — Então põe-se em logar de uma vinaria gamelão de madeira (A. C., Os Fast. 2.191) — Hoje usa-se outra cousa (A. V., C. I. 88).

3.º Quando estão nas clausulas subordinadas pelos pronomes conjunctivos ou conjuncções subordinativas (*que, quem, o qual, cujo, onde, quanto, quando, emquanto, porque, se, embora, etc.*):

No velho é a primeira treva da noite, de que, minuto para minuto, se engrossa, se esfria, se povoa de medos e phantasmas (A. C.) — Amores menos entendidos das turbas a quem se referiam (Id.) ... quando se tem por mestra uma mulher a que se ama (Id.) — Leva-me para onde te aprouver (A. H.) — Quando a vires (G. D.) — Emquanto a teve (C. C. B.) — Perdoae se vos offendi (G.) — ...segundo se admitte (L. C.) — Como se chama (G.) — Cf. — Porque hoje prégam-se palavras (A. V.) — Sejam liberaes porque o povo paga-se muito desta virtude (A. de F.) — Notae que os dois primeiros excusaram-se com fazenda (A. V.) — Fiquem com o Senhor, que eu vou-me (A. C.) — E' verdade que V. Ex.^a pede-me apenas reflexões (A. H.) — Porque D. Thereza ergueu-se immediatamente (Id.) — Porque mestre João mostrava-se assaz cioso (Id.) — Vae, que eu logo procuro-te (C. C. B.) — ...porque eu voltava-me para o céu (A. H., Eur. 48).

4.º Quando precedem ao verbo pronomes ou adjectivos indefinidos — *tudo, todo, isto, este, isso, aquillo, muito, pouco, etc.*:

Isto se explica bem (M. B.) — De todos lhe resultam harmonia (A. C.) — Poucos se lembram hoje (L. C.).

E' frequente a inobservancia deste principio: Isso pôde-se fazer lá mesmo (A. H., Cart. 182) — Aqui vê-se a luz do céu, e tudo isso vê-se para se ter mais fome (A. H.).

5.º Quando a proposição é *optativa*:

Bom proveito lhe faça (A. H.) — Bons olhos o vejam! — Ventos fagueiros te levem!

III. MESÓCLISE.

455. São *mesocliticos*:

Quando, estando o verbo no futuro do indic. e no imperfeito do condicional, não for obrigatoria a *próclise*:

Far-te-ei, far-te-ia, amar-vos-emos, amar-vos-íamos, dir-vo-lo-ei, dir-vo-lo-ia — Pois, Senhor, em lhe passando o furor, dir-lhe-hei o que me trazia (A. C., O Doent., 142).

Obs. Seria perder de vista os intuitos orthoepicos das regras sobre a topologia pronominal, convertê-las em cânques semelhantes ás leis dos medas e persas. Não se tracta de uma questão de syntaxe, mas de euphonia, e esta é relativa aos hábitos da pronuncia, que differem de época para época, de região para região. Muitas dessas regras accusam apenas tendências, mais ou menos accentuadas, como mostrámos citando exemplos em contrario em bons escriptores.

Posição dos membros da proposição

456. No latim, como já observamos, a ordem typica dos membros da proposição era — o sujeito no *principio* e o predicado grammatical (verbo) no *fim* da proposição, e *entre elles* os complementos: *Brutus Cæsarem occidit — Labor omnia vincit.*

Em portuguez a construcção typica deve ser a ordem directa ou analytica — *sujeito + predicado + complementos* (do predicado): — *Bruto matou a Cesar — O trabalho vence tudo.* E' esta a ordem logica, que obedece á sequencia natural das idéas. O uso, porém, de tal modo rompeu com a regulamentação logica na collocação dos membros da proposição, que difficilmente, como observa Diez, se póde distinguir entre uma ordem regular e uma inversa ou irregular. Vejamos, entretanto, o que exige a lingua, em casos determinados, sobre a collocação do *sujeito, predicado e complemento.*

I. PREDICADO.

457. Quando queremos dar proeminencia ao predicado, collocamo-lo no topo da phrase, e lhe pospomos o sujeito. Observa-se este principio:

1.º Nas phrases *narrativas*:

Neste momento, por uma das pontes já desertas lançadas na noite antecedente sobre o Chryssus, soava um correr de cavallos á redea solta... Pandia-lhe da direita da sella uma grossa maça ferrada de muitas púas". (A. H., Eur. 261).

2.º Nas proposições *intercaladas*:

Sou, disse elle, um homem pobre (M. B.) — Aparae o chapéo, disse logo o duque (Id.) — Impossivel é — interrompeu o duque de Cantabria com gesto severo — que haja guerreiros christãos que recusem obedecer-me (A. H., Eur. 261).

3.º Nas proposições *hypotheticas*:

Fôra elle vivo, eu aqui não estaria.

4.º Em phrases *nominaes*:

Bemaventurados (são) os misericordiosos, porque elles alcançarão misericordia (A. P.) — Coroa de dignidade é a velhice (Id.) — Mais preciosa é (a sabedoria) que todas as riquezas — Obra é de villão atirar a pedra e esconder a mão (Prov.) — Muitos são os chamados, poucos os aproveitados (Prov.)

5.º Nas proposições *interrogativas directas* ou *indirectas*:

Sabes tu, Hermengarda, o que é passar dez annos amarrado ao proprio cadaver?... (A. H., Eur. 281) — Orgulho humano, que és tu mais — feroz, estúpido ou ridiculo? (Ib. 27) — Que fôra a vida, se nella não houvera lagrimas? (Ib. 33) — Imperio d'Hespanha, imperio d'Hespanha, por que foram os teus dias contados? (A. H. Eur. 39) — Pergunto que é isso — Ignoro quem seja elle.

Obs. Succede, ás vezes, nas proposições interrogativas, querermos dar emphase ao sujeito, que, neste caso, é collocado antes do predicado, ou no topo da oração, v. gr. — Estes, que estão cobertos de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? (A. P.) — Teu irmão onde está? — Isso que é? (b. lat. — Aesdines ubi est?) — Tu não viste dos bosques a coma sem aragem vergar-se e gemer? (G. D.) — Elle morreu? (R. da Silva, Odio Velh. 75) — Elles não saberão? (Ib. 112) — Eu falava?! (A. H., Eur. 255) — Tu, virgem, porque suspiras? (G. D., Poes. l. III).

Quando o sujeito é representado por um pronome relativo, não se desloca do topo da phrase: Quem é hoje christão e godo nesta terra d'Hespanha? (A. H., Eur. 37).

6.º Nas proposições *imperativas*:

Olha tu! (A. H., Eur. 282).

Obs. Não raro entre os classicos transgride-se a regra, chamando-se emphaticamente o sujeito para antes do predicado: Agora tu, Calliope,

me ensina (C.) — Tu acompanha nossa avó, tu consola esse infeliz (G., Viag. 2.297) — E tu vae-te com Allah (A. H. Mon. 1. 69).

7.º Nas orações *apassivadas* pela particula SE:

Cortam-se arvores — Alugam-se quartos — Abaixam-se as cadeiras, levantam-se as tripeças (Prov.).

Obs. A emphase póde chamar o sujeito para a frente nestas phrases verbaes: O amor vende-se? A alma vende-se? (A. C.) — O dia certo ignora-se ainda (Julio de Castilho) — Os burlões e os enliçadores unem-se (A. H.) — As consciencias esclarecem-se, e não se forçam (Id.) — Assim, as queixas esqueceram-se (A. H., Mon. 11, 132).

Dá-se ás vezes, por emphase, uma deslocação do predicado, e mesmo do sujeito para antes do relativo ou conjunctivo QUE: Damião e Pythias, discipulos que foram do grande Pythagoras, abalisaram-se tanto na amizade... (A. V.) por — que foram discipulos; chegados que foram os mensageiros — por — logo que foram chegados os mensageiros; elles que fujam — por — que elles fujam.

II. SUJEITO.

458. Além dos casos anteriores, que determinam a deslocação do sujeito para se dar saliencia ao predicado, existem ainda os seguintes em que o genio da lingua requer de ordinario a posposição do sujeito ao predicado:

1.º Nas orações *infinitivas*:

E' tempo de se erguerem os patriotas — E quando viram alevantarem-se os cavalleiros e injuriarem e ameaçarem os procuradores dos conselhos de Portugal, não houve uma voz popular... (A. H., Mon. 1, 67) — Observou timidamente o primo de Fr. Isidoro, que já sentiriam arrepiarem-se-lhe os cabellos (A. H., Mon. 1, 126).

2.º Nas orações *participiaes*:

Terminada a batalha, recolheram-se os trophéos — feita estas philosophicas reflexões, a tia Domingas partiu (A. H., Mon., 2. 107) — Feito isto, voltou para dentro (Ib. 302).

No v. port. e mesmo no port. quinhentista, a posposição do sujeito nestas orações do part. passado, que é hoje de rigor, não era uma regra geral, como mostram os seguintes exemplos:

Isto acabado, tornou-se el-rei D. Fernando para dentro do reino (F. Lopes, Chron. de D. Fern. 131) — Isto acabado, elle e a imperatris comerão na sala imperial (Palm. I. 68) — Isto dito, veloces mais que gamos, se lanção a correr pelas ribeiras (Lus. 9. 70, 8. 51. 64. 5. 74, 9. 21, 70).

Cumpra observar que taes participios, quando attribuido ao sujeito da oração, vem *apposto* a elle:

Alle, sobresaltado pelo subitaneo apparecimento de seu antigo vizinho, ficara pasmado para elle (A. H., O Mon., 103) — Poderia ser: sobresaltado Alle... ficara pasmado, ou — Sobresaltado, Alle... ficara...

3.º Nas orações *gerundiaes*, a que muitos chamam do participio presente:

E sendo eles comendo, viron gentes que chamavam esmaelitas (Chr. Ar., 85) — Ouvindo Tobias, que era cego, a voz de um animalzinho balando, advertiu que acaso não fosse furto (A. V., S. I. 201).

Obs. 1.ª Critica A. de Castilho ao P. Manuel Bernardes pela anteposição do sujeito na seguinte construcção: *Frei Domingos, vindo de Portosa... se lhe ajunctou no caminho um moço muito confiado* —, que elle tachava de gallicismo. Devera ter construido: *Vindo Frei Domingos...*

Esta posposição, que é hoje de rigor, não o era no v. port.:

E elles assi fazendo, appareceu-lhe o dito cavaleiro em avito de palmeiro (Chrest. Arch. 110).

2.ª Não se tratando do chamado participio absoluto, o gerundio ou o part. presente pôde ser *apposto*, como acontece com o part. passado: *Ouvindo Tobias a voz de um animalzinho, advertiu...* ou: *Tobias, ouvindo a voz de um animalzinho, advertiu...* e, ainda, anteposto o *apposto*: *Ouvindo a voz de um animalzinho, Tobias advertiu...* Elle em se prostrando, me dizia chorando (A. F., Castro, 45) — *Vollando ao refeitório abbaçial, D. João d'Ornellas, parecia meditabundo* (A. H., Mon. 200) — *Fitando a vista no mancebo, o abbaçe ficou quedo e mudo* (Ib. 209).

4.º Com certos verbos de *sujeitos oracionaes*:

Convem estudarem elles, ou — convem que estudem — Importa relevar faltas, ou — que se relevem faltas — Conta-se viver elle, ou — que elle vive.

5.º E' costume transpor para a clausula subordinante á guisa de objecto o sujeito da clausula substantiva: "Depois foi ver as mós se tinham grãos" (R. S., Acas. dos fant., ap. M. Barreto — "...cada nun deve a resguardar o cavallo se he boquimolle" (Gir. Alv. 12, ap. Epiph.).

EVOLUÇÃO TOPOLOGICA.

459. O portuguez tem manifestamente evolucionado para o analytismo na construcção da phrase; muitos hão attribuido este phenomeno á influencia da literatura franceza, onde domina, em regra, a ordem directa ou analytica na collocação dos termos. Independentemente, porém, desso